

# WITTGENSTEIN E A FILOSOFIA DA LINGUAGEM

20  
aula

## **META**

Apresentar os principais pontos da Filosofia de Wittgenstein.

## **OBJETIVOS**

Ao final da aula, o aluno deverá:  
descrever a relação entre Filosofia e Linguagem em Wittgenstein; e  
definir o caráter pragmático da linguagem segundo Wittgenstein.

## **PRÉ-REQUISITOS**

O aluno deverá revisar os assuntos relativos aos conceitos fundamentais do pensamento filosófico do século XX.



Pedra de Roseta. (Fonte: <http://upload.wikimedia.org>).

**O**lá, caro aluno! Estamos hoje realizando nossa vigésima aula e, também, nosso último encontro. Para finalizarmos nossos encontros, hoje estudaremos a relação entre Filosofia e Linguagem em Wittgenstein; e para iniciarmos nossa aula, faremos a seguinte colocação: fazer da linguagem um problema filosófico é uma coisa; mas fazer dos próprios problemas filosóficos um problema de linguagem é outra coisa bem diferente.

### INTRODUÇÃO



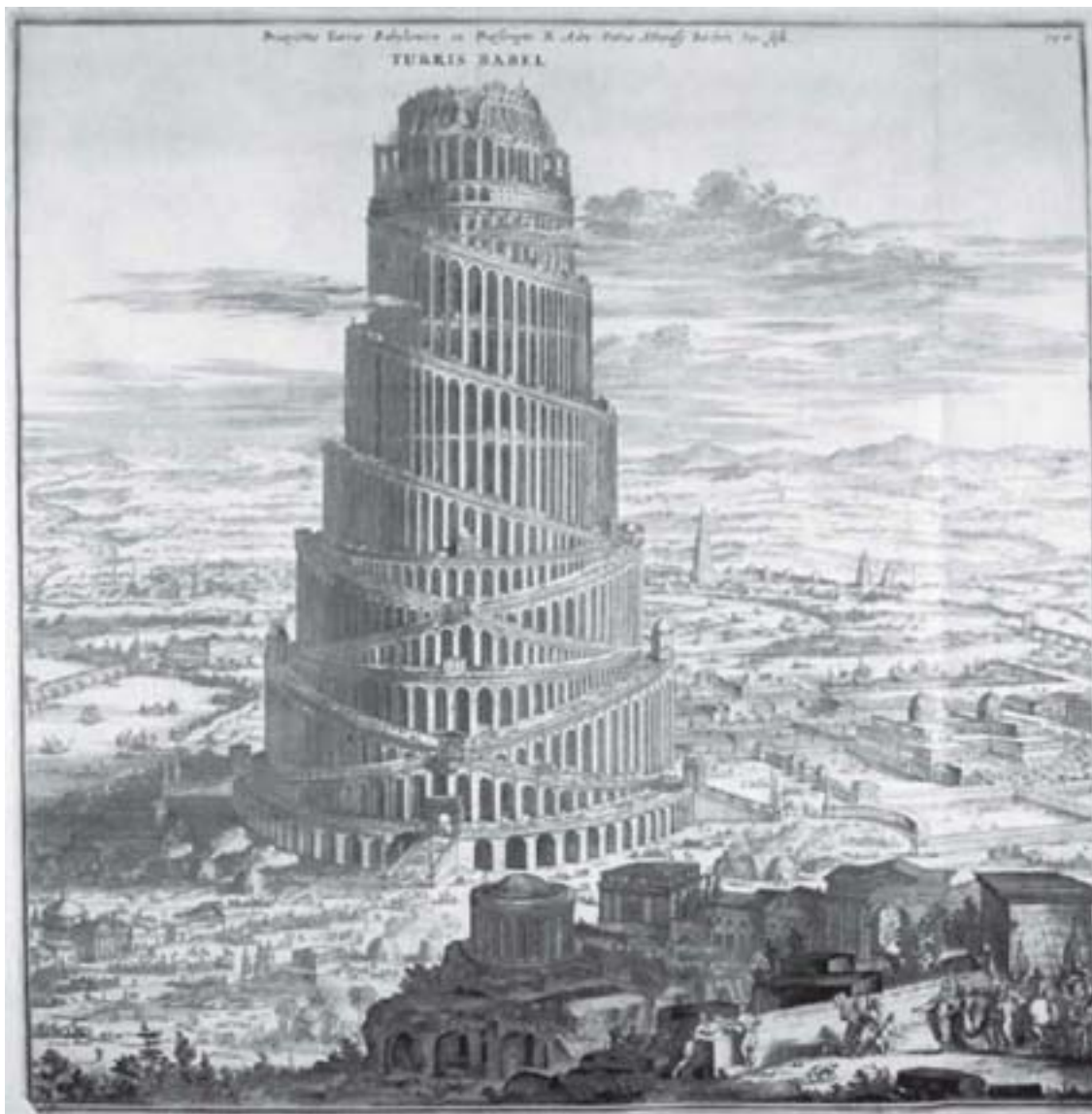
Ludwig Wittgenstein

Filósofo austríaco (1889-1951). Contribuiu nos campos da Lógica, Filosofia da linguagem e Epistemologia. Combatu junto ao exército austríaco na 1ª Guerra Mundial, tendo sido prisioneiro dos italianos. Publicou o *Tratado Lógico-Filosófico*, em 1921, sua única obra editada em vida.

Desde a Antigüidade clássica (séculos V e IV a.C.) a linguagem é um problema para a filosofia; mas só na contemporaneidade (século XX d.C.), depois de vinte e cinco séculos, a filosofia passa a compreender que os problemas filosóficos são de natureza lingüística. A esta mudança de paradigma na compreensão da natureza da própria filosofia é que se deu o nome de ‘guinada lingüística’ da filosofia contemporânea, algo que foi ardorosamente abraçado por alguns e, com a mesma intensidade, combatido por outros.

A criação desta nova área do pensamento, a ‘Filosofia da Linguagem’, no século XX, é um dos principais ingredientes para a compreensão dos caminhos e descaminhos da filosofia contemporânea e, por isso, nesta aula, vamos estudar o trabalho de um filósofo em particular, o austríaco **Ludwig Wittgenstein**, considerado como um dos principais responsáveis por esta ‘virada para a linguagem’ da filosofia no século XX. Faremos algumas considerações da vida e da obra deste autor peculiar, que entrou na filosofia de modo não convencional, defendeu uma concepção bastante própria e iconoclastica (destruidora de ídolos), deu origem a duas correntes básicas e em vários aspectos antagônicas de filosofia da linguagem no século XX e, mesmo tendo escrito mais de 40.000 páginas, só publicou menos de 100 delas em vida. Em seguida, justificaremos a afirmação de que a linguagem sempre foi um problema para a filosofia (Os Problemas da Linguagem como Problemas de Filosofia), para melhor marcar que só no século XX, a filo-

sofia chegou a deslocar seu próprio centro para os problemas da linguagem (Os Problemas da Filosofia como Problemas de Linguagem). Logo adiante, veremos um pouco melhor essa concepção de Filosofia de Wittgenstein e alguns de seus temas principais.



Torre de Babel. (Fonte: <http://www.tei-c.org>).

Ludwig Wittgenstein nasceu em Viena, em uma das famílias mais ricas e bem colocadas da Áustria, em 1889.

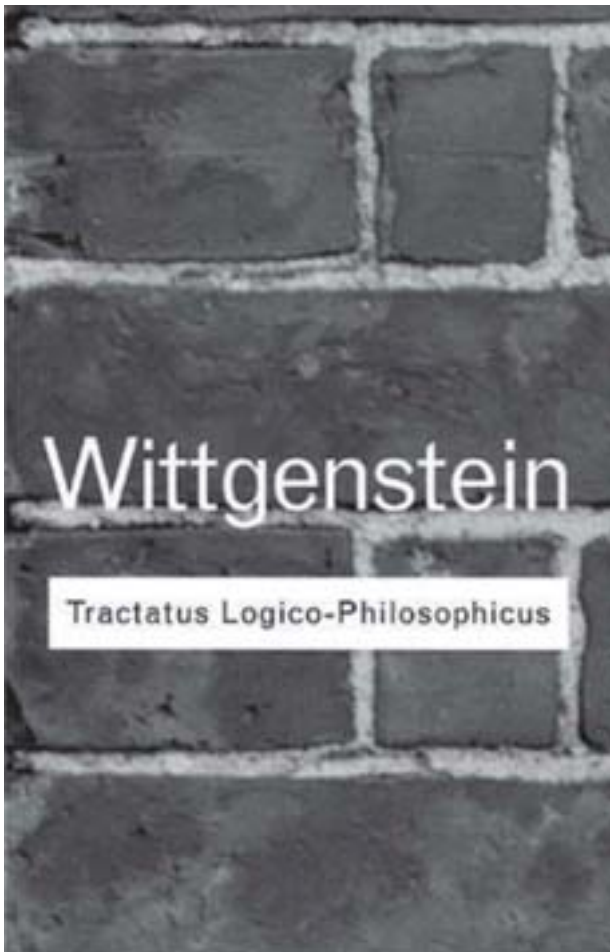
Devido a seus talentos construtivos (teria construído sozinho uma máquina de costura aos oito anos de idade) foi mandado em 1908, aos 18 anos de idade, à Universidade de Manchester na Inglaterra, para estudar engenharia aeronáutica (o grande assunto

### WITTGENSTEIN

do momento). Ao resolver problemas ligados à construção de uma hélice, acabou se interessando cada vez mais pelos fundamentos da matemática, deixando de lado as questões práticas

da engenharia e, em 1911, foi pesquisar com Bertrand Russell, o grande lógico-matemático da época, em Cambridge. De 1911 a 1918,

Wittgenstein trabalhou intensamente escrevendo sua grande obra prima da juventude, o *Tractatus Logico-Philosophicus* (publicado apenas em 1921), ou TLP. Com a eclosão da Primeira Grande Guerra Mundial em 1914, Wittgenstein voltou a Viena e alistou-se (como voluntário) no Exército, tomando lugar em violentos combates no *front* russo e italiano, viu de perto sua pátria ser totalmente destruída por esta guerra. Aprisionado pelos italianos, termina de escrever o TLP em 1918. Os temas centrais deste livro, como ele os apresenta no Prefácio, são ‘a natureza geral da representação’, os ‘limites do pensamento e da linguagem’, a ‘natureza da necessidade lógica’ e a ‘natureza das proposições da lógica’. Este livro foi a principal inspiração do Círculo de Viena, núcleo em que se formou o movimento conhecido como Positivismo Lógico. Ao mesmo



Tractatus logico philosophicus. (Fonte: <http://images.amazon.com>).

tempo influenciou decisivamente a chamada Filosofia Analítica inglesa, sediada em Cambridge. O *Tractatus* é considerado o marco principal da ‘guinada lingüística’ contemporânea, direcionando as tarefas da filosofia para o estudo da Lógica de nossa linguagem e dos usos que fazemos dela.

Tendo concluído e publicado o *Tractatus*, e considerando que com isso teria resolvido os problemas fundamentais da filosofia (traçar os limites do sentido, ou seja, do que pode ser dito com sentido), Wittgenstein coerentemente abandona a filosofia por quase dez anos. Neste período, de 1921 a 1929, foi primeiramente ser professor de ensino primário no interior da Áustria, ao longo de quatro anos, participou deste modo, da Reforma da Educação, que então tomava curso e da Reconstrução de seu país - experiência pedagógica que marcou profundamente sua segunda concepção de filosofia. Diante do suicídio de seus irmãos mais velhos, Wittgensteins, que era o caçula, tornou-se herdeiro da enorme fortuna de seu pai. Fortuna que renunciou em benefício das irmãs, passando a viver o resto da vida de maneira frugal, dependendo de seu trabalho como professor.

Antes de voltar à filosofia em 1929, Wittgenstein ainda ocupou-se de várias coisas: tentou entrar para um mosteiro budista, onde trabalhou como jardineiro (mas foi aconselhado a sair), ocupou-se de arquitetura (tendo construído uma casa em Viena para a irmã em perfeito estilo **Bauhaus**), de escultura, de música (sua principal paixão, sendo exímio clarinetista e excelente assobiador), até que, através de um contato com Moritz Schlick, considerado o pai do Círculo de Viena, aceitou o convite deste para tentar explicar o TLP para os membros deste círculo que, a esta altura, já haviam adotado o *Tractatus* como a Bíblia do Positivismo Lógico. Percebendo, através do contato com este círculo, o quanto sua obra da juventude havia sido mal interpretada, resolveu voltar a Cambridge em 1929 e retomar seu trabalho em filosofia.

De volta a Cambridge, recebeu o título de doutor em filosofia (devido ao TLP) - sem nunca ter feito uma graduação ou mestrado regular nesta disciplina, e começou imediatamente a trabalhar na

#### Staatliches Bauhaus

Significa literalmente “casa estatal de construção”, mas na prática a Bauhaus foi a mais importante escola de Design da Alemanha que congregou artistas e arquitetos de vanguarda. (1919-1933)

desmontagem da filosofia do *Tractatus*, no qual passou a ver graves falhas, abandonando o ponto de vista que estruturava aquela obra (o da linguagem ideal da Lógica) por um ponto de vista diametralmente oposto (com base na linguagem cotidiana: a Gramática). Em função, talvez, da má compreensão que seus leitores tiveram de seu trabalho, resolveu não publicar mais nada em vida, e passou a trabalhar por dezesseis anos na obra que seria a expressão maior de sua filosofia madura, as *Investigações Filosóficas*, publicada somente depois de sua morte, em 1953. Esse livro apresenta uma concepção realmente revolucionária da filosofia e uma abordagem completamente nova da filosofia da linguagem (que marcará a concepção de filosofia desenvolvida depois em Oxford a partir dos anos 30). Wittgenstein ocupou-se intensamente tanto de filosofia da matemática como de filosofia da psicologia, chegando a resultados igualmente radicais nos dois campos (tanto da linguagem ‘objetiva’ da matemática como na linguagem ‘subjetiva’ da psicologia).

Sem nada publicar (mas sem deixar de produzir), e tendo aversão a eventos filosóficos (que ele considerava serem “completas perdas de tempo”), sua influência foi exercida, sobretudo, através de aulas e de conversas - tendo continuado a escrever sobre assuntos gramaticais e filosóficos até alguns dias antes de sua morte (suas últimas palavras foram: “Diga a eles que minha vida foi maravilhosa”). Após a sua morte, em 1951, a grande quantidade de material por ele escrita começou a ser publicada, dando ensejo a uma enorme literatura de comentários que já conta, hoje, com milhares de volumes. O sentido de seu trabalho filosófico continua a ser objeto de infindáveis controvérsias e suas idéias são usadas hoje em dia nos sentidos mais diversos, sendo tema em aberto para a interpretação filosófica.



Investigações filosóficas. (Fonte: <http://i.s8.com.br>).



A filosofia da psicologia de Wittgenstein (tema central de sua principal obra póstuma, as *Investigações Filosóficas*) é uma subversão radical das concepções modernas de psicologia (seja a cartesiana, a empirista ou a **behaviorista**). Contra a concepção empirista ou cartesiana da mente humana, como um ‘reino interior’ de experiências subjetivas misteriosamente conectadas ao comportamento corporal (o ‘reino exterior’), Wittgenstein concebe o domínio do mental como *essencialmente manifesto* no comportamento humano. O ‘interno’ não é, segundo Wittgenstein, algo ‘privado’, algo que seja ‘conhecido’ apenas ‘pelo próprio sujeito’, por ‘introspecção’ - pelo contrário, podemos ter muitas vezes perfeito conhecimento daquilo que é ‘privado’ para alguém. A esta denúncia de Wittgenstein da ‘privacidade epistêmica’, deu-se o nome de ‘Mito da Interioridade’. Tal mito gerou, segundo Wittgenstein, uma visão completamente distorcida da natureza humana, sobre a natureza do ‘eu’, da ‘mente’ e da ‘relação entre o corpo e a alma’. O ataque de Wittgenstein à idéia de propriedade privada é mais radical, pois ataca a raiz do problema, a ‘propriedade privada de si mesmo’, o sentido do pronome possessivo ‘meu’ (‘meu’ pensamento, ‘minha’ vontade, ‘minhas’ dores, ‘meus’ sentimentos, etc), que está na base e é a condição de qualquer pretensão à propriedade de objetos e ao domínio sobre as pessoas.

A filosofia moderna distorceu completamente, sob o influxo do Mito da Interioridade Privada, nossa concepção de ser humano, de mente, de pensamento, de corpo, de comportamento, de ação e de vontade, ao ponto de tornar estes conceitos completamente irreconhecíveis e inúteis. Segundo Wittgenstein, estes ‘problemas filosóficos’ são apenas confusões conceituais, problemas devidos ao mau uso e mau entendimento do sentido de nossa linguagem, e devem ser, portanto *dissolvidos* (e não ‘resolvidos’, pois não são autênticos ‘problemas’) através de um tipo de análise conceitual que ele chamou de ‘terapia’: a Terapia Gramatical das Imagens. Só com o esclarecimento do que *queremos dizer* quando dizemos algo acerca do mundo ou de nós próprios é que podemos ter alguma esperança de algum dia alcançarmos uma visão

### Behaviorista

Adepto do Behaviorismo (palavra derivada do inglês ‘*behaviour*’ que significa ‘comportamento’). O Behaviorismo é uma doutrina psicológica que recusa o método de introspecção como válido, exigindo a observação do comportamento como procedimento fundamental para a obtenção de conhecimento psicológico.

mais adequada, e menos distorcida, da vida, do mundo, dos outros e de nós próprios.

### OS PROBLEMAS DA LINGUAGEM COMO PROBLEMAS DE FILOSOFIA E OS PROBLEMAS DA FILOSOFIA COMO PROBLEMAS DE LINGUAGEM

Desde suas origens gregas, a linguagem (*'Lógos'*) esteve entre as principais preocupações dos filósofos. Desde os pitagóricos, com a descoberta atribuída ao misterioso Pitágoras, das potencialidades incomparáveis da nova linguagem matemática; passando por Parmênides e Heráclito em suas preocupações antagônicas, porém com um traço comum em um ponto, ou seja, com um *Lógos capaz de dizer* o Ser ou o Devir; até chegarmos ao contexto de Sócrates (o problema da 'definição') em sua polêmica contra os sofistas, e às soluções de Platão e de Aristóteles para salvar a possibilidade de um Lógos (uma linguagem) que seja capaz de dizer (como em Aristóteles), ou ao menos de apontar para (como em Platão) a verdade do ser - sem se contentar apenas em se deixar guiar segundo as aparências contraditórias do devir (como nos sofistas).

Toda a filosofia antiga tinha como seu centro a preocupação com o 'ser' (com aquilo que 'permanece' em toda mudança) - e mesmo de Heráclito pode-se dizer que sua preocupação era com o 'ser do devir', e não com o 'devir pelo devir' - ou seja, com a *onto-logia* (o 'lógos' que diz o 'ser', com a linguagem capaz de 'dizer' aquilo 'que é') - e assim, também com o 'não-ser' (o nada) e com o 'devir' (o ser-movente). Contra a afirmação de Parmênides da identidade-entre-ser-e-pensar (pois não deveria ser possível pensar o que não é, nem dizê-lo), os sofistas são um marco crítico ao negar esta identidade e afirmar o mais completo desajuste entre o ser, o pensar e o dizer (entre a Realidade, o Pensamento e a Linguagem).

Contra os sofistas que teriam reduzido o sentido de tudo aquilo que é e que é pensável à arte de persuadir pela manipulação do



discurso (ao encantamento do dizível, isto é, à retórica), Platão procurou salvar a possibilidade da filosofia pela postulação de que algo tem de ser (permanente e uno), para além das aparências móveis e múltiplas do sensível (o fluxo do devir), se é que o conhecimento deve ser possível: a Idéia (o ‘inteligível’) seria o fundamento ontológico (a essência) por trás das aparências enganadoras dos sentidos (o ‘sensível’). Deste modo ficou marcada, na filosofia antiga, a dependência do pensar (e do dizer) em relação ao ser (da Idéia): se não houvesse a Idéia (algo permanente) não haveria algo que pudesse ser conhecido (a ciência seria impossível), nem nada que pudesse ser dito (com sentido). Portanto, a Teoria do Conhecimento e da Linguagem antiga é colocada em dependência da Ontologia.

Na solução ‘realista’ de Aristóteles (contra Platão, seu mestre ‘idealista’), ainda que o discípulo de Platão faça o acesso ao inteligível passar pelo sensível (de um modo que Platão jamais admitiria), seu realismo também funda a possibilidade do dizer racional em uma ontologia da substância composta: o ser é



Tradutor medieval. (Fonte: <http://www.arikah.net>).

composto de matéria e forma, ensina Aristóteles (e não apenas pelas Formas puras ou Idéias, como em Platão) sendo a *matéria* o princípio da potencialidade mutável (e corruptível) e a *forma* o princípio da permanência (em ato) que, em última instância (no último degrau do ser, enquanto ‘Ato Puro’) existe em si e por si subsiste (sendo, portanto, o fundamento último incorruptível). O ser-que-se-move (composto) tem por fundamento, segundo Aristóteles, o Motor-Imóvel. Novamente, neste caso, o que destacamos é que a possibilidade de conhecimento (da ciência, ou seja, da distinção entre o verdadeiro e o falso), no realismo aristotélico, assim como da moral (a possibilidade de distinguir o bem e o mal, a virtude do vício), dependem ambos, ainda, de uma ontologia.

Esta postulação grega clássica de dizer que algo é (ou seja, que *algo tem de ser*, de modo eterno e indestrutível) enquanto fundamento de nosso pensar, de nosso dizer e de nosso agir, foi mantida ao seu modo no período medieval, porém não mais como ‘onto’-logia, e sim como ‘teo’-logia (um *lógos* que revela a divindidade, *Théos*). Assim o fundamento deixa de ser o ‘Ser’ (em sentido cosmológico) e passa a ser o ‘Espírito Divino’ (o ‘*Théos*’ interpretado como o ‘Deus-pai’ da revelação judaico-cristã). Ainda que o fundamento tenha sido teologizado, e com isso envolvido em ‘mistérios’ que a razão humana não pode mais decifrar, mas apenas aceitar pela perseverança na fé, aquela necessidade, bastante grega, de que ‘algo exista’ em si e por si, como condição de que nossa vida (intelectual e moral) tenha algum sentido, foi mantida por séculos, desde Agostinho (séculos IV-V d.C.) ao menos até o Renascimento (séculos XV-XVI d.C.). A exigência ontológica grega de um fundamento estável para o pensar e para o agir humano foi transformada em exigência teológica, mas a precedência do ‘algo que é’ foi mantida, naquilo que foi batizado, por Heidegger, como ‘onto-teo-logia’ (o ‘*lógos*’ sobre o ‘ser’ passa agora pelo ‘divino’), e marcou profundamente toda a visão ocidental do mundo e do senti-

do da vida - até chegar a ser posta radicalmente em questão pelo racionalismo moderno dos séculos XVII e XVIII d.C.

Na Modernidade (séculos XVII, XVIII e XIX), Descartes (séc. XVII) começa duvidando radicalmente de qualquer possibilidade de fundar o conhecimento (e a moral) na ‘natureza das coisas’ (sejam estas coisas concebidas como algo natural ou como algo sobrenatural) desviando assim o lugar do funda-



(Fonte: <http://upload.wikimedia.org>).

mento, e com ele o centro da filosofia, do Ser (como ontologia ou como teologia) para o Pensar: a única certeza inicial, imediata e indubitável, que podemos ter (e que deve ser adotada como verdadeiro ponto de partida por qualquer ser racional capaz de reflexão, ou de ‘luz natural’), ensina Descartes, é a de que “Penso, logo existo”. O ‘*cogito*’ (‘penso’, na primeira pessoa do singular) cartesiano marca assim a ‘guinada psicologista’

da filosofia moderna (depois da ‘guinada teológica’ da filosofia medieval), desviando o foco do tradicional problema do ser para o problema da representação mental que fazemos do ser (único acesso que temos a ele). O fundamento da razão moderna não é mais ontológico (ou teológico) e sim psicológico: a certeza de cada um de ser um ser pensante (uma *res cogitans*) capaz de ter idéias claras e distintas sobre a realidade (como o atesta a eficácia da matemática e da geometria).

Esta guinada psicológica cartesiana para o plano da ‘consciência’ (do pensar), colocada agora em primeiro lugar, marcará toda a modernidade (seja na versão empirista, como em Locke e Hume, seja na versão idealista, como em Leibniz e Kant), provocando o deslocamento do centro da filosofia do ser (Onto-Teo-Logia) para o pensar (a Teoria do Conhecimento). A ‘Filosofia Crítica’ de Kant (no século XVIII, o auge do Iluminismo) toma como tarefa central traçar os *limites do que podemos conhecer*, assumindo que, para nós humanos racionais, os *limites do que é ou não é* coincidem com os limites do que *pode ou não pode ser conhecido*. A filosofia crítica de Kant provocou escândalo entre os filósofos do século XVIII, espantados com uma idéia de filosofia que negava qualquer possibilidade de conhecermos a ‘coisa-em-si’ (aquilo que ‘em-si e por-si subsiste’), restringindo nosso conhecimento possível apenas aos ‘fenômenos’, tais e quais aparecem ‘para-nós’. “Como é possível uma filosofia sem o Ser, só com a Consciência?!” - diziam incrédulos os filósofos que não aceitaram a filosofia crítica do conhecimento de Kant (que não queriam admitir os limites de seu poder-de-conhecer). Mas de qualquer modo, a filosofia moderna ficou marcada por esta ‘guinada psicologista’ que colocou a ‘consciência humana’ em primeiro plano (deslocando o ser, cosmológico ou teológico, de seu antigo trono), reduzindo o ‘ser’ ao ‘ser-passível-de-ser-pensado’ (com sentido).

Note-se que este ‘passo crítico’ kantiano (a afirmação de que não podemos afirmar coisa alguma sem antes termos uma idéia clara dos limites do nosso poder-de-conhecer) é antes de tudo um *passo atrás*: antes de pretender ‘falar’ do ‘ser’ (do que é e do que não

é) é preciso saber *como é possível pensar o ser*, ou seja, em que limites o ser em questão é pensável ou cognoscível. Desde então, pretender falar do ser sem ter antes clara consciência dos limites do conhecimento humano possível passou a ser considerado apenas abuso da ‘razão dogmática’, uma razão ‘incapaz de crítica’, incapaz, portanto, de reconhecer seus próprios limites.

Pois bem. No início do século XX, a filosofia parece ter visto a necessidade de dar mais um passo atrás em relação à sua antiga pretensão de pensar/dizer o ser.

Em três séculos a filosofia moderna da consciência havia chegado a um esgotamento e constatou ter produzido tantas confusões e desentendimentos quanto os que pretendia superar, dos ontólogos e teólogos antigos e medievais. A ‘Consciência’ se mostrava agora como algo tão ou mais problemático quanto o ‘Ser’ ou o ‘Deus’ que ela pretendia conhecer ou em que queria acreditar. Com tantas confusões



(Fonte: <http://acertodecontas.blog.br>).

acumuladas em torno da palavra ‘consciência’ (ou ‘razão’), seu conceito se revelou intratável e inútil para a tarefa de fundamentação a que se propusera.

Com isso, alguns filósofos concluíram (e com eles Wittgenstein) que *antes* de ‘falar’ em ‘consciência’ (e em ‘ser’) seria preciso determinar *do que podemos falar* (com *sentido*). O que ‘é’ depende dos limites do que é ‘pensável’, mas agora se descobre que o que é pensável (conhecível) depende dos limites do que é ‘dizível’. A tarefa da filosofia se torna, para toda, uma importante vertente da filosofia contemporânea, a tarefa de *traçar os limites* do que *pode-ser-dito-com-sentido*, pois só aquilo que é realmente *dizível* (com sentido) pode



ser realmente *pensável* (e pode-se, portanto, pretender que *exista*). Assim, os *limites do sentido* passam a ser traçados no interior da própria linguagem (pelas *regras* que permitem decidir se algo tem sentido ou não), e não mais na ‘consciência’ ou no ‘ser’ - pois é perfeitamente possível ‘falar coisas’ sem com isso ‘nada dizer’ (de significativo), é possível falar coisas ‘sem sentido’ (como ‘ferro-de-madeira’ ou ‘círculo-quadrado’, por exemplo), sem que com isso nada chegue a ser

(realmente) pensado, sem que com isso nada se indique que possa realmente existir.

Desse modo, grande parte da filosofia contemporânea concluiu que se o *que é* depende do que é *pensável*, então é preciso reconhecer que o que é pensável, por sua vez, depende do que é *dizível*, e assim o que aconteceu no século passado foi mais um *passo atrás*, de prudência filosófica, em relação às nossas pretensões cognitivas: sim, o ser depende do pensar (como ensinam os modernos), mas alguns contemporâneos perceberam que o pensável, ele mesmo, depende do dizível. Na linguagem é que estão os limites do que pode ser

pensado com sentido, e um pensamento sem sentido não é pensamento algum. Como na época de Kant, muitos filósofos se espantaram com mais este passo atrás da filosofia contemporânea: “Como seria possível uma filosofia sem a Consciência, só com a Linguagem?!!!” - dizem agora os incrédulos, que resistem ter de examinar, antes de querer ‘resolvê-los’, se os seus próprios ‘problemas filosóficos’ fazem sentido. A mais este passo, que desloca o centro da filosofia da consciência para a linguagem, é que se convencionou chamar de ‘guinada lingüística’ da filosofia contemporânea.



(Fonte: <http://www.eca.usp.br>).



Filosofia da Linguagem não significa, portanto, que só agora a filosofia resolveu se ocupar com a linguagem (o que ela sempre fez), mas significa que seu problema central sempre foi a própria noção de ‘*significação*’. Em 2.500 anos de reflexão, parece então que a filosofia, ao invés de ‘avançar’ (como faz a ciência), apenas ‘retrocedeu’, deslocando seu centro do ‘ser’ para a ‘consciência’ e da consciência para a ‘linguagem’.

Para mencionarmos um exemplo decisivo deste deslocamento, vejamos a mudança na interpretação do sentido dos princípios fundamentais da lógica, o Princípio da Identidade e o Princípio da Não-Contradição. Estes princípios eram pensados, na Antigüidade, como *princípios ontológicos* (os princípios seriam válidos em função da identidade do Ser consigo mesmo); no medievo passaram a ser vistos como *princípios teológicos* (baseados na identidade de Deus consigo mesmo); e na modernidade passaram a ser concebidos como *princípios psicológicos* (como leis imutáveis do Pensamento). Já na contemporaneidade, estes princípios passam a ser definidos como *regras lingüísticas* (leis do dizer), de modo que nem o Ser nem o Pensar têm mais a primazia (a questão da precedência entre sujeito e objeto torna-se questão ociosa), mas a primazia é da Linguagem, sem a qual não é possível dizer nada com sentido, seja sobre o ser seja sobre o pensar, seja sobre o sujeito seja sobre o objeto, seja sobre o mundo seja sobre nós mesmos.

O mundo é cognoscível - ensinaram Platão e Aristóteles. No entanto, os limites do mundo são os limites do pensamento - ensinara Kant. Porém - avisa Wittgenstein - os limites do pensamento são os limites da nossa linguagem. O ‘meu mundo’ e o ‘meu eu’ possuem exatamente o mesmo tamanho da ‘minha linguagem’, da linguagem de que dispomos para poder falar disso ou daquilo *com sentido*.

Não é o Mundo que determina o Eu, nem é o Eu que determina o Mundo. Mas é a Linguagem que determina o Sentido de ambos.

## A CONCEPÇÃO DE FILOSOFIA DE WITTGENSTEIN E ALGUNS DE SEUS TEMAS

Wittgenstein ergue-se contra a concepção tradicional de filosofia como “busca geral da verdade”. A filosofia, em suas mais variadas versões, sempre teve algo em comum: pretendeu ser uma espécie de ‘ciência superior’, de ‘ciência suprema’, cujo objeto estaria além e acima dos objetos das ciências particulares. O principal erro dos filósofos foi, portanto, considerar a filosofia como uma espécie de ‘teoria’, ou pior ainda, como uma ‘super-teoria’, investida com a tarefa (absurda, segundo Wittgenstein) de explicar o sentido da vida e a existência como um todo.

Contra essa concepção distorcida de filosofia, Wittgenstein defende radicalmente que a filosofia não é ‘teoria’ de coisa alguma: a filosofia é uma *atividade*, uma *práxis*, a atividade de produzir o esclarecimento do sentido das palavras que usamos quando pretendemos dizer algo de significativo. O resultado do trabalho filosófico deve ser o esclarecimento, e não mais uma ‘teoria’ qualquer, que só serviria para impor mais um ponto de vista unilateral e igualmente distorcido entre os outros. “Não há teses em filosofia”, ensina Wittgenstein, idéia que, compreensivelmente, causou um dos maiores escândalos entre os ‘filósofos profissionais’ do século XX. A filosofia é uma “crítica da linguagem”, diz Wittgenstein, uma atividade de demarcação dos limites do sentido, única maneira que temos para saber se o que dizemos significa algo ou não.

De sua primeira fase para sua segunda, Wittgenstein alterou radicalmente o sentido de seu trabalho filosófico. Na primeira fase (do *Tractatus*), ele tinha como base de sua crítica da linguagem as regras da Lógica (regras sintáticas e semânticas), acreditando que uma vez delimitada a ‘forma lógica’ das proposições significativas, todos os problemas de significação poderiam ser rapidamente resolvidos através da aplicação mecânica de uma espécie de cálculo lógico de base matemá-



## Regras Sintáticas

São as regras que regem a combinatória das palavras entre si, determinando o que pode ir junto e o que deve ficar separado, e assim, a construção de frases bem-formadas.

## Regras semânticas

São regras que definem o significado de cada termo capaz de entrar em uma frase, determinando um ‘campo semântico’ de significados possíveis com que uma palavra pode ser usada com sentido.

## Regras pragmáticas

São regras que não podem ser formalizadas como as anteriores e introduzem um fator contextual irredutível no exame da significação de uma palavra ou expressão. São regras, portanto, ligadas aos *usos das expressões*, o que pode sempre introduzir variações imprevisíveis na significação.

desprovidos de sentido. Em lugar de uma preocupação com a *forma* da linguagem (de caráter **sintático** e **semântico**), Wittgenstein passa a reconhecer que a *significação* das palavras que usamos não depende de uma estrutura formal dada, mas sim dos *usos* e do *contexto* de aplicação (de caráter **pragmático**). Seu novo slogan passa a ser “o significado é o uso”, de modo que, se quisermos saber o que uma expressão significa, e se ela realmente significa algo, teremos de olhar para o contexto de aplicação da palavra (o que ele batiza como ‘Jogo de Linguagem’), ao invés de presumirmos qual deve ser sua forma.

Com isso, Wittgenstein altera completamente as bases de sua crítica da linguagem, abandonando a noção central de Lógica por uma noção muito mais ampla e multifacetada que ele chama de ‘Gramática’. As regras que permitem reconhecer e atribuir sentido a uma expressão não são mais ‘regras lógicas’, mas sim *regras gramaticais*, ou seja, regras que não podem ser estabelecidas de antemão, de uma vez por todas, em um esquema formal, mas que só podem ser descober-



Encontro ocorrido em 1946 entre Karl Popper e L. Wittgenstein (Fonte: [blogexperimental.blogs.sapo.pt](http://blogexperimental.blogs.sapo.pt)).

tas a partir de um trabalho de investigação (a ‘investigação filosófica’), de descrição e de comparação de diversos jogos de linguagem contextualizados. A esta *atividade* de *descrição* de *jogos de linguagem*, com o intuito de explicitar as *regras* que *efetivamente seguimos* quando preten-

demos dizer algo *com sentido* (que são muitas vezes regras distintas daquelas que pensamos seguir) é que Wittgenstein chamou de ‘terapia’. A Terapia Gramatical de Wittgenstein visa nos mostrar os limites do sentido de nossas expressões, *dissolvendo* assim os pseudo-problemas que os filósofos, sobretudo, inventam, quando não prestam atenção para o sentido das expressões que eles mesmos utilizam.

Assim, o trabalho terapêutico da filosofia visa antes de tudo atacar os pseudo-problemas que surgem do uso confuso da linguagem. Os eternos problemas da filosofia não passam de confusões conceituais que, uma vez esclarecidas, devem desaparecer completamente. Por isso, um problema filosófico nunca é ‘resolvido’, mas apenas ‘dissolvido’, como se faz com um falso-dilema. Os problemas filosóficos são ‘doenças conceituais’ que nascem, especialmente, das nossas “dietas unilaterais de conceitos”: alimentamos nosso pensamento com apenas um tipo de imagem, diz Wittgenstein, e depois queremos que a linguagem sempre funcione de acordo com este paradigma unilateral. Para combater estas dietas unilaterais, a única solução (não dogmática) é apresentar diversos usos, compará-los entre si, e alcançar assim uma visão mais *perspicaz* das regras dos jogos que jogamos, percebendo que a significação das palavras não se restringe àquela significação única a que estamos acostumados, ou àquela à qual estivermos acriticamente submetidos.

Citamos, para finalizar, um parágrafo das *Investigações Filosóficas* (o parágrafo 125) no qual Wittgenstein deixa perfeitamente claro o sentido de seu trabalho filosófico enquanto *atividade* terapêutica e gramatical ocupada com as contradições da linguagem cotidiana, definindo o que ele entende como sendo ‘o’ problema filosófico:

Não é tarefa da filosofia resolver a contradição por meio de uma descoberta lógica ou lógico-matemática. Mas tornar visível o estado da matemática que nos inquieta, o estado *anterior* à resolução da contradição. (E com isso não se elimina uma dificuldade).

O fato fundamental aqui é que fixamos as regras, uma técnica, para um jogo, e que, quando seguimos as regras, as coisas não se passam como havíamos suposto. Que por tanto nos aprisionamos, por assim dizer, em nossas próprias regras. Este aprisionamento em nossas regras é o que queremos compreender, isto é, aquilo de que queremos ter uma visão perspicua.

Isto esclarece nosso conceito de *querer dizer*. Pois, naqueles casos, as coisas se passam de modo diferente do que havíamos querido dizer e previsto. É exatamente o que dizemos quando, por exemplo, surge a contradição: “Não foi isso o que eu quis dizer”.

A posição cotidiana da contradição, ou sua posição no mundo cotidiano: este é o problema filosófico” (ADORNHO,1947, p. 216).

---

## CONCLUSÃO

**C**aro aluno, se Nietzsche, em uma de suas exortações extemporâneas, ainda apenas constatava, com uma mistura de irritação e de desânimo, que “não nos livraremos de Deus enquanto não nos livrarmos da Gramática”, Wittgenstein, por sua vez, não insiste em fazer reverberar este lamento, mas parte para a execução da tarefa de nos livrar da gramática, ou, ao menos, dos fantasmas gramaticais (os ‘tem de’ e os ‘não pode’ de nossa vida e de nossa linguagem) que nós próprios criamos.

Wittgenstein é um dos maiores responsáveis pela idéia contemporânea de ‘fim da filosofia’, ou seja, daquele modo distorcido da tradição de entender a filosofia como uma espécie de superciência. No entanto, ele nunca se ocupou em refutar diretamente qualquer teoria particular nem o encontramos ocupado em reconstruir o sistema de alguém a fim de combatê-lo. Wittgenstein apenas travou sua luta sem tréguas contra as imagens que julgava engano-



sas, ensinando-nos, sobretudo, um ‘método’ para dissolver mal entendidos e produzir esclarecimento.

A concepção de Wittgenstein da natureza dos problemas filosóficos como doenças conceituais a serem dissolvidas (como falsos-problemas), e não como autênticos-problemas que pudessem ser solucionados, e sua concepção de filosofia como atividade de esclarecimento da significação das palavras que usamos (uma terapia gramatical), e não como ‘teoria’ de coisa alguma, pretende abrir caminho para uma possibilidade real de esclarecimento, em um mundo cada vez mais eivado um palavrório vazio, confuso e sem sentido.



Wittgenstein. (Fonte: <http://www.irishlabour.com>).

## RESUMO



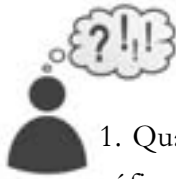
‘Filosofia da Linguagem’ não significa simplesmente que a filosofia se ocupa com o tema da linguagem, algo que ela já fazia desde o início. Significa sim que cerca de 2.500 anos depois de seu nascimento, na Grécia antiga, só no século XX a filosofia realizou uma ‘guinada lingüística’, ou seja, mudou de paradigma, e passou a compreender a si própria e a seus problemas como problemas de linguagem.

O filósofo austríaco Ludwig Wittgenstein (1889-1951), com sua obra da juventude, o *Tractatus Logico-Philosophicus* (de 1921), é considerado o principal responsável pela guinada lingüística da filosofia contemporânea. Vindo da engenharia, Wittgenstein logo passou a se interessar pelos fundamentos da matemática e, daí, pelos fundamentos da lógica. Sua obra da juventude foi considerada a ‘Bíblia do Positivismo Lógico’ vienense, tendo tido também grande influência sobre a Filosofia Analítica inglesa, tanto em Cambridge (a Filosofia da Lógica) como em Oxford (a Filosofia da Linguagem Cotidiana). O *Tractatus* tinha como tarefa principal determinar a natureza das proposições da lógica, a ‘forma lógica’ das proposições significativas e, assim, os limites do sentido (ou do que pode ser dito com sentido). Acreditando ter resolvido, com isso, todos os problemas relevantes, Wittgenstein afastou-se da filosofia por 10 anos. Dando-se conta do modo distorcido como estavam o interpretando, retornou em 1929 de Viena para Cambridge e trabalhou, primeiramente, no desmantelamento de sua obra juvenil a fim de evidenciar suas grandes falhas, e em segundo lugar, para apresentar sua nova concepção da *atividade* filosófica (pois para ele em filosofia não há ‘teoria’): a *crítica da linguagem* deve se basear nas regras gramaticais que regem os usos da linguagem cotidiana (em regras pragmáticas), e não mais em regras formais (da sintaxe e da semântica) da lógica.

Um dos alvos centrais da filosofia da psicologia de Wittgenstein é o ‘Mito da Interioridade’, que distorce sistematicamente nossa compreensão da natureza humana (da relação entre alma e cor-

po), e nos faz acreditar em um ‘mundo interior’ privado, povoado por ‘objetos íntimos’, mundo ao qual só cada um teria acesso, de modo que só cada um poderia ‘conhecer’ os ‘objetos’ de seu ‘mundo interior’ (suas dores, vontades, pensamentos, etc) - o equívoco da ‘privacidade epistêmica’, assim caracterizado, uma vez que as regras gramaticais que regem a significação das palavras que usamos são regras *públicas* (não podendo existir assim a propriedade privada do sentido de uma experiência).

Wittgenstein encarou os (eternos) ‘problemas filosóficos’ como problemas desprovidos de sentido que deviam ser, por tanto, *dissolvidos* através de um tipo de análise que ele chamou de Terapia Gramatical, atacando frontalmente, assim, toda a tradição filosófica que parece ter acreditado que os ‘eternos problemas filosóficos’ faziam sentido e que constituíam, aliás, os ‘mais altos’ problemas à espera de uma ‘teoria’ para *resolvê-los*. Problemas filosóficos não são autênticos problemas (uma vez que problemas autênticos sempre podem ser resolvidos), mas apenas confusões conceituais devidas ao mau uso e ao mau entendimento dos usos de nossa linguagem. Este modo de ver as coisas filosóficas, próprio da filosofia da linguagem de Wittgenstein, pode ser considerado como um *passo atrás* em relação à filosofia moderna, que havia centrado a filosofia em torno do problema da consciência. Mas a filosofia moderna já havia, ela mesma, dado um passo atrás ao colocar a questão da consciência à frente da questão do ser (questão esta que havia sido, por cerca de vinte séculos, o centro da filosofia, primeiro na forma grega antiga de Ontologia, e depois na forma cristã medieval de Teologia). A ‘guinada teológica’ medieval (do Ser para Deus) seguiu-se à ‘guinada psicológica’ moderna, a qual foi por sua vez sucedida pela ‘guinada lingüística’ do século XX. Em vinte e cinco séculos de existência, a filosofia deslocou seu centro do Ser para a Consciência e da Consciência para a Linguagem em nome da prudência filosófica: antes de pretender falar do ser é preciso saber dos limites de nossa consciência, mas para compreender os limites de nossa consciência é preciso entender (com perspicácia) dos limites de nossa linguagem.



## ATIVIDADES

1. Qual a diferença entre ‘fazer da linguagem um problema filosófico’ e ‘fazer de um problema filosófico um problema de linguagem’ ?
2. Que significa a expressão ‘guinada lingüística da filosofia contemporânea’ ?
3. É possível distinguir expressões com sentido de expressões sem sentido?
4. Diga por que a concepção de filosofia de Wittgenstein teria causado tanto impacto sobre o século XX.

## COMENTÁRIO SOBRE AS ATIVIDADES

1. Procure definir primeiro o que é um ‘problema filosófico’ e o que é um ‘problema de linguagem’, em seguida descreva, em que sentido a linguagem sempre foi um problema para a filosofia, e depois, em que sentido a filosofia tornou-se, no século XX, um problema de linguagem.
2. Contraponha esta guinada da filosofia no século XX às outras guinadas da filosofia ao longo dos seus vinte e cinco séculos, do Ser para Deus, de Deus para a Consciência e da Consciência para a Linguagem.
3. Faça uma pesquisa coletando expressões especializadas e cotidianas que você seja capaz de distinguir em dois grupos: as expressões que têm sentido e as expressões que não têm sentido - desde que seja capaz de justificar a sua classificação.
4. Primeiro, contraste a noção de ‘filosofia como teoria’ com a noção de ‘filosofia como atividade’; segundo, contraponha um ‘problema de consciência’ a um ‘problema de linguagem’; terceiro, caracterize o ‘Mito da Interioridade’ denunciado por Wittgenstein.

## REFERÊNCIAS

- GLOCK, H.J. **Dicionário Wittgenstein**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1998.
- HACKER, P. M. S., **Wittgenstein. A Natureza Humana**, São Paulo: Editora Unesp, 2000.
- JANIK, A. e TOULMIN, S. **A Viena de Wittgenstein**. Rio de Janeiro: Campus, 1991.
- MONK, R. **O Dever do Gênio, Wittgenstein**. S. Paulo: Cia das Letras, 1995.
- MORENO, A. R., **Através das Imagens**. 2 ed. Campinas: Ed. Unicamp, 1995.
- MORENO, A. R. **Introdução a uma pragmática filosófica**. Campinas: Ed. Unicamp, 2005.
- WITTGENSTEN, L. **Investigações filosóficas**. São Paulo: Ed. Abril Cultural, 1975.
- Tractatus logico-philosophicus**. São Paulo: Edusp, 1993.